

## Você deixaria seu filho de onze anos dirigir sozinho um automóvel? E um computador?

**Fernando Louzada**<sup>1</sup>, flouzada@ufpr.br; **Paulo Afonso Caruso Ronca**<sup>2</sup>, pronca@esplan.com.br

1. Doutor em Neurociências e Comportamento pela Universidade de São Paulo (USP); professor adjunto do Departamento de Fisiologia da Universidade Federal do Paraná;
2. Doutor em Psicologia Educacional pela Universidade Estadual de Campinas; diretor clínico do Instituto Esplan, São Paulo.

Entre nenhuma informação e informação demais, o risco é ficar desinformado  
Ou de selecionar informações por acaso, o que é pior.  
Umberto Eco

**RESUMO:** O artigo discute a complexidade da presença do computador no cotidiano das pessoas, bem como o fato de ele ser reflexo das contradições sociais e das diversidades pessoas do mundo contemporâneo. Aborda especialmente a relação criança versus internet.

**Palavras-chave:** educação infantil, internet, alfabetização digital.

**RESUMEN:** El artículo discute lo complejo de la presencia del computador en el día a día de las personas, así como el hecho de ser reflejo de las contradicciones sociales y de las diversidades

- 1 Autor do livro **Relógios biológicos e aprendizagem**.
- 2 Autor dos livros **O pensamento parece uma coisa à-toa...**, **Caminhos que levam o pensar ao conhecimento**, e **Quem são nossos filhos – compreender o mundo para saber educá-los**.

personales del mundo contemporáneo. Trata especialmente la relación niño versus Internet.

**Palabras llaves:** Educación infantil, internet, alfabetización digital.

**ABSTRACT:** The article discusses the complexity of the computer presence in the daily routine of the people, as well as the fact it is reflex of the social contradictions and of the diversities of people of the contemporary world. It approaches especially the relationship child versus internet.

**Keywords:** children's education, internet, digital literacy.

## I – Deuses virtuais

Interrupção voluntária da gravidez? Antecipação da maioridade para 16 anos? Pena de morte? Descriminalização da maconha? Comercialização livre de armas? Quotas para negros e índios nas Universidades? Casamento entre pessoas do mesmo sexo? Eutanásia? Invasão do Iraque pelas Forças Aliadas?

Entre outros, os assuntos expostos acima fazem parte de um universo perigoso e complicado intitulado temas polêmicos. Neles, as matérias inerentes são de difícil discussão, pois, simultaneamente, exigem posicionamentos pessoais, éticos, políticos, morais, jurídicos, econômicos, religiosos e sociais. Enfim, existenciais.

Temas polêmicos, pelo próprio conceito e extensão, necessitam ser analisados com muita persistência porque mexem conosco, permitindo emergir, em nosso território psicológico, emoções, anseios, sentimentos e contradições. Ressalte-se que, a partir de possíveis decisões sobre eles, não só estariam em jogo o longínquo futuro da humanidade, como o presente em que vivem nossas crianças e jovens.

Temas polêmicos abalam as certezas pessoais, balançam os mitos sociais seculares e sacodem as concepções ideológicas tidas como nunca modificáveis. Além do que – isso é importante – agitam dentro da consciência alguns dos nossos fantasmas que, morando bem ao lado de inseguranças e desconfianças, tornam-nos resistentes, não só para discuti-los, quanto mais para aceitá-los.

Diante da complexidade que os acompanha não nos é permitido estudá-los, assumindo simplórias posições do tipo *sou contra* ou *sou a favor*, ou *isso é bom*, *aquilo é ruim*. Tampouco se espere o fim de nossas reflexões recheadas com conselhos do tipo: *faça isso ou aquilo e o seu filho será feliz*. Se assim pensássemos, estaríamos banalizando o debate, tornando-o estéril e impedindo encaminhamentos que pudessem nos ajudar na tarefa de educadores, a qual, com seriedade, nos propomos.

Ao invés de simplesmente indicar caminhos, um dos mais difíceis e intrincados deveres dos cientistas é ajudar as pessoas a pensar, para que cada qual possa descobrir e assumir os seus próprios, com consciência e responsabilidade.

Posto isso, perguntaríamos ao amigo leitor: alguma vez já imaginara o computador estando no rol do que aqui qualificamos “temas polêmicos?” Seria possível essa peripécia, sentá-lo por alguns instantes no banco dos réus?

Eis os problemas que queremos contemplar neste pequeno ensaio.

Sim, ele mesmo, o computador, estrela, digamos, maior do que o Sol que, invadindo o universo dos terráqueos, modificou nossa vida, tal qual nela enfiássemos a mão e a puxássemos pelo avesso.

Sim, ele mesmo, o computador, essa máquina maravilhosa que se alastrou nos lares, fábricas, lojas, escolas, bares, postos de gasolina, enfermarias, borracharias, bingos e se tornou espécie de epicentro de nossa existência, igual àquele em que a ponta do compasso espeta o papel para se elaborar um círculo perfeito.

Aparelho elevado ao extremo da (quase) perfeição alterou a noção de tempo, impondo-nos nova concepção de rapidez e de aceleração. Modificou a percepção de espaço, permitindo-nos trazer para bem perto o longínquo e o distante. Gerou atraente modelo de relações interpessoais, abrindo novas fronteiras para a comunicação afetiva, social, sexual e profissional. Introduziu extraordinárias transmutações na linguagem e na estrutura da Língua, motivando a criação de novas terminologias e acabando por oferecer um sem-número de maneiras na expressividade escrita e na elaboração artística.

Apresentando diferentes formas de recreação e lazer, proporciona uma aproximação entre pessoas e a possível diminuição de sentimentos de solidão. Concomitantemente, possibilita-nos acesso a interessantes jogos e desafios intelectuais que, no vaivém da Lógica, desenvolve dimensões do subterrâneo da mente, tais quais a atenção e a percepção. Isso sem esquecer a agilidade ímpar para a criação e movimentação de músicas, a proximidade com as artes e o alcance de múltiplas informações e contatos simultâneos.

Com ele trazemos o passado ao nosso dispor, pois os dados da história se descortinam ao apertar uma tecla; temos o presente frenético diante dos olhos, porque o acontecido agora, na Ásia, pode ser visto em segundos, no Brasil; ainda há a possibilidade de intervir no futuro, posto podermos planejar, criar, idealizar e simular.

Salvamos vidas, enviamos mensagens de paz e de carinho, apontamos injustiças, advertimos catástrofes, propomos encontros, refazemos amizades, denunciemos assassinatos de reféns políticos ou de civis inocentes.

Todavia, incorporando como nunca as ambivalências existentes entre o Bem e o Mal, via Internet, também podemos roubar, anunciar e contratar um matador de aluguel, formar quadrilhas, xingar, difamar pessoas, exaltar a pornografia torpe ou a pedofilia criminoso. Com ele a bordo, um enorme avião pousa com segurança para centenas de pessoas; ao contrário, nele podemos ensinar como se fabrica uma bomba caseira capaz de explodir outras centenas de cabeças.

Resumo da ópera: nunca se poderia imaginar que o uso dessas e de outras tecnologias viessem a materializar ou a prognosticar as evidências que poderão ser a marca registrada desse século XXI: a era das contradições sociais e das diversidades pessoais.

Continuemos: pela fé, acreditam alguns religiosos que em Deus há dimensões importantes: a onisciência (sabe de tudo); a onipresença (está em todos os lugares) e a onipotência (tem poderes para fazer o que desejar). Ampliando esse mesmo raciocínio e por uma analogia, fazemo-nos compreender: com o computador o humano incorporou essas três dimensões de maneira convulsiva e explosiva.

Sentados em frente à máquina, temos contato direto com diversas e diferentes realidades; elas se desmancham perante nós e, pela possível intencionalidade, tornamo-nos potentes, a ponto de poder modificá-las; nós as vemos e as sentimos ora articulando-as, ora podendo desarticulá-las ao nosso bel-prazer.

Então, com a visão penetrando a tela e por ela sendo penetrados, com dedos lépidos e presos ao fácil teclado, nós, humanos necessitados, carentes, pobres mortais e até malcheirosos... sentimos o gosto da onipotência e a cobiça do comando. Aí, o poder é maravilhoso, quase divino.

Transformamo-nos, pois, magicamente, em uma espécie de Deus.  
Será?

## II – Deuses reais

Por que o computador foi tão celeremente aceito a ponto de, segundo pesquisas recentes, estar deixando para trás a – até agora intocável – audiência da tevê?<sup>1</sup> Quais mistérios fizeram dessa máquina uma verdadeira coqueluche mundial?

O computador se tornou espécie de epidemia contagiante, a ponto de ser poucas as pessoas em geral, e os cientistas em particular, que se atrevam a criticá-lo. Se o fizerem, vira-e-mexe, serão taxados de reacionários, alienados, mal-informados ou retrógrados.

Entre outras, uma das razões desse sucesso, e pouco estudada até o momento, é que o humano se vê no computador. A mente humana, diríamos, está ali retratada, exposta, quiçá continuada. Tudo, ou melhor, quase tudo o

1 Estudos divulgados no jornal Folha de São Paulo, em 4 de agosto de 2005, pela Forrester- Research, mostram a televisão enfrentando uma queda brusca de audiência. Por exemplo, nos EUA, o número de internautas parece não parar de crescer: eles eram 31 milhões, em 2004, e estima-se que cheguem a 71 milhões em 2010. Há seis anos, em 1999, essa facilidade era restrita a apenas dois milhões de residentes naquele país. Proporcionalmente, estudos do IBOPE//NetRatings dão sugestões de números semelhantes para o Brasil.

que a mente faz, o computador também o faz e, às vezes, com mais rapidez ou com menor possibilidade de erro. A mente encontrou a sua similitude, a sua aparência, a sua similaridade. Um espelho, quase um clone.

Embora todos nós saibamos que a utilização da tecnologia e a modernização dela advinda não estejam direta e proporcionalmente ligadas à melhoria de aspectos políticos, sociais ou culturais – haja vista a Bomba Atômica, ápice da tecnologia – o fato é que o computador encheu os olhos dos humanos, tornando-os vaidosos e orgulhosos.<sup>2</sup>

O relacionamento do humano com o computador foi se estabelecendo com imensas doses de empatia, pois a mente descobriu nele um aliado (quase...) sempre fiel. Tornou-se apaixonante, porque é uma inteligência interagindo com outra inteligência e, então, afetiva, porque há a possibilidade de troca entre pares. Constituiu-se desafiante, dado nele sempre se poder fuçar para descobrir o novo e procurar o ainda escondido. Intrigante, porquanto ambos se descobrem aos poucos, a ponto de formar uma dupla dinâmica: a mente envia textos, informações, perguntas ou assuntos e a máquina, processando, desvenda, calcula, organiza, elabora gráficos, responde, corrige, classifica e memoriza. Incrível!

Tal máquina não só ajuda o humano, como aguçá nele diferentes características e dimensões de seu mundo íntimo psicológico. Senão, vejamos:

Enche-o de soberba, ao ver que sabe movimentá-la; de altivez, ao mostrar aos outros que nela mexe com rapidez ou que domina os seus novos termos e conceitos peculiares; de arrogância, quando a conserta. Eleva a autoestima, ao perceber que consegue dominá-la a ponto de atingir seus objetivos de imediato. Por fim, submerge-o em um encanto tentador, pois tal envolvimento e manipulação são fortemente sedutores, fascinantes e prazerosos.

E não é o prazer a busca incessante das pessoas?

Por outro lado, diz um provérbio antigo: *o rato está sempre com um olho no queijo e o outro na ratoeira*. Assim, pelo exposto nos parágrafos acima, a sociedade de consumo, digamos, permanece com um olho no computador e com o outro no humano... consumidor.

Prazer e consumo, duas faces da mesma moeda e mais outras duas razões para que essa máquina entrasse definitivamente e de maneira avassaladora em nossa cultura. Comércio, indústrias, escolas, repartições públicas, Bancos e outros que tais estão verdadeiramente entupidos de computadores, sendo que em cada mesa de trabalho se vê um. Igualmente, em milhares de casas há um computador em cada quarto, só para não exagerar e dizer... um em cada canto.

2 A título de curiosidade, vale lembrar que os atenienses tinham um ditado que vem ilustrar esse nosso comentário: *aqueles a quem os deuses querem arruinar, enlouquecem primeiro com o orgulho e, depois, com a vaidade*. Não vemos como poder nos explicar melhor...

Prazer e consumo, seu preço é alto, suas peças e conserto igualmente onerosos e as novidades inventadas para o seu uso são constantes e custosas. Todavia, poucos – especialmente os da classe média – são aqueles que medem esforços para usufruir a comodidade e a satisfação que ele oferece. Abrimos um parêntese só para enriquecer nossas reflexões e não deixar passar a oportunidade de uma crítica social: (no contrapé dessa história toda, a máquina se tornou elitista, excluindo verdadeiras multidões de a ela ter acesso).

Comodidade gera prazer, prazer gera dependência, dependência é sinal de subordinação. Prova disso está no fato de os adultos já não mais saberem como fazer sem um computador. Alguns entram em estado de verdadeiro desespero quando a maquineta vai para o conserto: *aí dentro está a minha vida*, dizem amiúde. Da mesma maneira, se se quebrar ou quando proibidos de o utilizar, vemos crianças e jovens perambulando pela casa, sem ter ou criar outros entretenimentos ou diversões.

Consumo/prazer/dependência. Está, pois, fechado um círculo vicioso. Vicioso?

### III – Deuses viciados

Acostumamo-nos a utilizar o termo vício principalmente quando queremos descrever pessoas utilizando drogas como, por exemplo, o tabaco, o álcool ou a cocaína.

No entanto, não podemos reduzir a extensão do mesmo termo, pois ele é carregado de inúmeros aspectos. Todos eles, a bem da verdade, perigosos, ameaçadores e, igualmente, necessitados de atenção e cuidados especialíssimos, principalmente de educadores.

Observamos, então, um enorme contingente de pessoas que entrariam no rol do que podemos considerar viciados assim: em futebol, em miniaturas, na tevê, em novelas, em embelezamento físico, em academias, no trabalho e, enfim, no astro desse nosso texto, no computador.

Se nós dois nos esforçarmos para explicar o que realmente é um vício e o nosso leitor, igualmente, esforçar-se para compreendê-lo, apostamos que a visão sobre a relação que mantemos com essa máquina poderá ser modificada ou melhor dizendo, equilibrada.

Ao trabalho, pois.

Nas últimas décadas, um grande número de neurocientistas tem se dedicado a tentar compreender o que ocorre no cérebro de alguém que entra em grave estado de dependências obsessivas, sendo, portanto, considerado viciado.

Que alterações aconteceriam no funcionamento cerebral para justificar tais comportamentos compulsivos?

O uso de um conjunto de técnicas (como, por exemplo, a Ressonância Magnética Funcional) nos permite filmar o cérebro em ação e, comparando

com outros, observar e descrever as áreas cerebrais e os neurônios mais ou menos envolvidos naquelas alterações.

Estes circuitos neurais evoluíram para reforçar comportamentos fundamentais à sobrevivência, como a alimentação e o sexo. É fundamental que estes comportamentos estejam ligados à motivação, ao prazer e à recompensa, inclusive para que a sobrevivência da espécie esteja garantida.

A dependência ocorre quando um determinado hábito seqüestra estes mesmos neurônios, tornando-os reféns e, assim dizendo, ele – o hábito – passa a ser essencial para a continuidade da vida. Sem ele, há exagerada ansiedade e continuado desespero; exageros à parte, espécie de morte.

Um fato mais novo são as evidências de que este “seqüestro” não ocorre apenas após o uso de substâncias como o álcool ou outras drogas que, claramente, causam dependência física. Para estes neurônios, uma recompensa é sempre uma recompensa, seja qual for, não importando se química ou através de experiências repetitivas. E onde existe uma recompensa prazerosa, há o risco de se cair na armadilha da compulsão. A lógica é contundente.

Não há mais dúvidas na observação da existência de múltiplas semelhanças dos mecanismos dos neurônios entre o abuso de drogas pesadas e de um sem-número de outras compulsões leves – leia-se hábitos, costumes ou comportamentos socialmente aceitáveis, quando não incentivados e aplaudidos.

A mudança do funcionamento dos neurônios ocorre mesmo na ausência do consumo de drogas poderosas. É claro que estas são mais enérgicas para produzir mudanças, quando comparadas a qualquer outro prazer natural, todavia, não podemos mais desprezar as alterações provocadas por tais experiências. Como diz o dito popular, quem brinca com fogo...

Ainda mais quando nos referimos à infância e à adolescência, fases de maiores oportunidades e vulnerabilidades, a nossa atenção precisa redobrar. Trocando em miúdos, é como se o conjunto de neurônios fosse mais suscetível a “seqüestros”. A lógica é contundente.

Do ponto de vista psicológico (se for viável fazer distinção entre psíquico/físico...) podemos explicar de maneira simples ao leitor curioso que vício se estabelece quando um desejo íntimo se transforma, de imediato, em ação, sem o controle da razão. Para continuar na mesma terminologia do parágrafo sobredito, o desejo, por assim dizer, seqüestra a razão e se transforma em atos obsessivos. O vício é, então, um impulso súbito, incontrolável, incoercível, aquele cujo indivíduo não consegue coibir e nem ao menos percebê-lo.

Em uma sucessão rápida e rítmica de comportamentos marcados por rituais, emergem pensamentos mágicos e sentimentos de contentamento e alegria, além de uma forte inclinação e de um apego àquela ação repetitiva. Esta, então, passa a ser o incessante objeto de desejo.

Entendamo-nos, finalmente: em qualquer área do organismo, o vício sempre é marcado por um caráter de satisfação ilusória. Surge, daí, um estado

recorrente de ansiedade, trazendo à tona sentimentos de insatisfação e de carência, que só serão (aparentemente) recompensados pelo retorno ao vício.

Noves fora: a cobra morde o próprio rabo, envenenando-se com o seu veneno...

#### IV – Deuses a serem educados

A primeira pergunta, bem simples:

Por que, hoje em dia, crianças e jovens gostam tanto do computador, nele sabem fuçar ou adoram *vídeo games*, movimentando joguinhos e mais joguinhos com tanta facilidade e perícia?

*É porque constituem uma geração de seres mais inteligentes*, responderiam muitos! Errado. Errado, pois não é mais possível comparar inteligências, tampouco as que determinariam tipos de gerações ou épocas históricas. Depois de Jean Piaget <sup>3</sup>, essa visão deve ser considerada como um absurdo ou uma aberração científica.

Não temos dúvidas que aquelas atividades podem desenvolver algumas funções da mente, como a capacidade visual, a noção espacial, a memória, a coordenação motora, a atenção e a percepção. Contudo, estudar isoladamente tais ações e ligá-las, decisiva e prioritariamente, ao conceito *inteligência* e a seu desenvolvimento, como está sendo lugar-comum nessa sociedade que adora resultados, é de um reducionismo vulgar, de uma simplificação grosseira e, evidente, impossível ser reconhecido cientificamente. São coisas dos vendedores de promessas... ou de *games*.

ATENÇÃO: qualquer atividade, quando obsessiva/compulsiva, que venha a desenvolver a inteligência, torna-se, de imediato, aleijã, isto é, pode ampliar uma área, porém prejudica sensivelmente as outras. O leitor conhece a lei da balança?

A inteligência é um todo harmônico, formada cumulativamente, a pouco e pouco, em um processo de busca do equilíbrio e da equilibração. Basta ler um pouco Jean Piaget para entendermos *inteligência* como um intrincado processo, muito mais amplo, complexo e seqüencial, sempre interligando e integrando múltiplas dimensões físicas, cognitivas, sociais, afetivas e, especialmente, morais e éticas.

3 Para os que não o conhecem, é importante apresentá-lo: Jean Piaget (1896-1980) foi um dos maiores e mais ardentes estudiosos da inteligência e da evolução do pensamento, sempre os concebendo como uma construção dinâmica marcada pela interação afetiva entre o adulto e a criança.

O fato é que, desde pequeninos, nossas crianças e jovens sempre viveram em um mundo cercado de frenéticas tecnologias, estando, assim, abertos e não sentindo mínimas resistências para sua utilização ou para a sua assimilação. De modo contrário, vemos muitos adultos experienciando severas dificuldades ou, até, o que poderíamos considerar uma espécie de aversão a ela – à tecnologia.

Neste contexto de utilização maciça – para não dizer massificada – do computador, especialmente da Internet, há uma advertência, seriíssima e fragorosa, da qual não nos eximimos e a qual não podemos deixar escapar: muitas crianças e jovens estão nele viciados, passando horas e mais horas frente àquela tela produtora de imagens e de divertimentos tão inigualáveis, quanto fascinantes.<sup>4</sup>

A possibilidade de navegar sozinhos na Internet, o seu preço relativamente acessível (e quase nunca sabido por esses usuários...), a rapidez na comunicação, as pressões sentidas pela comunidade na qual estão inseridos, a prolongada satisfação sensorial, o travamento de relações afetivas e a possível garantia de um certo anonimato, tornaram-se caminhos seguros para permanecer por um tempo incalculável presos à máquina e com probabilidade de chegarem à dependência.

Qualquer situação de dependência e todo estado de vício maltratam e confundem. Por uma analogia bem simples explicamos essa idéia: nessas circunstâncias, o que a mão direita dá, logo-logo é retirado pela esquerda...

Assim, observação que esses dois cientistas fazem da realidade, em seus respectivos campos de trabalho, aponta para fenômenos agudos instalados em crianças e jovens nessas circunstâncias, tanto no campo físico, quanto no território psicológico, tais como:

- L.E.R. Lesões por Esforços Repetitivos. Por exemplo: tendinite (inflamação nos tendões) e epicondilite (ligeira impressão dolorosa, geralmente localizada na face externa do cotovelo).
- Significativo ganho de peso e dores nas costas.
- Significativas alterações do tempo e/ou da qualidade do sono.
- Ansiedade extrema e sinais de contínuo afastamento do convívio social (em alguns casos, semelhantes à ingestão de álcool ou de outras drogas pesadas pelos adultos).
- Dificuldades em cumprir horários e em exercer outras rotinas necessárias e indispensáveis no correr do dia.

4 Lemos notícias que já há no Hospital Proctor, em Peoria, Illinois, EUA, um programa voltado à recuperação de pacientes que fazem uso abusivo da Internet. O mesmo acontece no Centro de Estudos em Dependência de Computadores, do Hospital McLean, Belmont, Massachussets. Lá, o nome dado a tais pacientes é *onlineholics*, já vertido para o Português como *desordem da dependência da Internet*.

- Sentimentos de incompletude, insatisfação e tédio, alternados com os de nervosismo, irritação e inquietude.
- Agressividade com irmãos, parceiros ou amigos, especialmente ao perder certos jogos.
- Constante quebra do diálogo com pais ou com adultos, seguida de importante hostilidade e impertinência, especialmente quando esses tentam orientar a sua utilização, desejam colocar ordem ou alguns poucos limites.
- Surgimento de comportamentos onde emergem intimidações, chantagens, mentiras ou a utilização escondida do computador.

Enfim, de novas e reais necessidades sentidas no mundo contemporâneo, a uma sociedade que idolatra o consumo irresponsável, foi um pulo; de uma espécie de histeria coletiva, a um quadro individual obsessivo-compulsivo, foi um pulo menor ainda.

A segunda pergunta, um pouco mais inquietante: diante do quadro aqui exposto, o que fazer?

Desligar o computador; nunca colocá-lo em um quarto do filho; fixar severos horários para a sua utilização; retardar, o quanto possível, que as crianças tomem contato com ele.

Veja, leitora ansiosa, em um piscar de olhos, teríamos respostas e mais respostas prontas. Estas e outras “receitas”, certas ou erradas, a favor ou contra, pais e educadores já as teriam ou já as saberiam, pois só lhes bastaria usar uma certa dose de bom-senso ou uma boa dose de autoridade.

Evidentemente, não se trata aqui de apresentar um receituário, muito menos de ficar aprisionados tão-só à apologia da autoridade, a qual, magicamente, poderia se tornar a solução dos problemas enfocados.

Todavia, pelas três frases abaixo, não nos custa nada discutir um pouquinho a tese da autoridade de pais e de professores, no que se refere ao uso do computador, especialmente da Internet e de muitos outros joguinhos. Vale, então, lembrar que: **hierarquia não exclui a afetividade; comando não se afasta da amorosidade e autoridade não significa desamor.**

Então, se para leitores inteligentes meio-texto basta, mãos à obra...

## V – Deuses a serem alfabetizados.

Depois de todas essas reflexões aqui expandidas, temos a certeza de estarmos diante de um problema social grave, dito desta maneira só para não alarmar e – ainda – não considerá-lo como uma patologia social. Em linguagem vulgar, diríamos: o buraco está mais abaixo.

Pois é, igual a um furacão, o computador, a Internet e outros que tais entraram na família e nas escolas de pára-quedas, sem solicitar permissão, sem pedir desculpas pelas possíveis mudanças radicais nos hábitos e comportamentos e sem manual de instrução. Pegou-nos a todos de calças curtas.

Para dar fim ao nosso trabalho, faremos tão-somente algumas considerações a todos nós educadores, tanto nas escolas, como nas famílias. Avante.

Uma das teses fundamentais da teoria do profundo educador brasileiro Paulo Freire<sup>5</sup> baseia-se em dar ao processo de alfabetização um cunho político, social, quiçá existencial.

Alfabetizar não é meramente um caminho afoito e aventureiro de aprendizagem, o qual levaria o humano a adotar ou distinguir símbolos, mas, isto sim, um eterno processo de *re-conhecimento*. Assim, estão implícitos nesse procedimento múltiplas dimensões éticas, morais e de compromissos com a sociedade da qual o mesmo humano participa e na qual, por estar alfabetizado, tem o dever de atuar cooperativamente.

Aqui está a chave do cofre: o surgimento de novas tecnologias, que ajudam a todos na obtenção de informações, na construção do conhecimento ou na universalização das comunicações, deve seguir, palmo a palmo, aquelas diretrizes. Falamos, então, de uma *alfabetização digital*.

Já não se trata simplesmente de presentear crianças e jovens com computadores e de só ensinar a mecânica de seu uso. Trata-se de implantar um modelo de alfabetização, por ora considerado *digital*, no qual estariam implícitas ações educativas muito mais complexas e amplas, as de *re-conhecimento*.

*Re-conhecer* é apropriar-se, dar legitimidade pessoal e social, admitir um compromisso sociocêntrico ao conhecimento apreendido ou construído. Paulo Freire vê a alfabetização como um momento de independência pessoal e de emancipação social, isto é, de libertação, antigamente denominado alforria. Nunca, nunca um estado de dependência obsessiva, de passividade servil ou de construção de conhecimentos isentos de fortes porções de reflexão e de amorosidade.

Paulo Freire jamais quer crianças que simplesmente saibam ler ou escrever, mas que dêem um sentido ao que lêem ou ao que escrevem e um enfoque de responsabilidade sociopolítico, com densos encargos de respeito a si próprio e aos demais. Vivo estivesse, não temos a menor dúvida de que estenderia essas e outras suas idéias ao processo de alfabetização digital.

Nenhuma criança se alfabetiza sozinha. Fosse possível, não teríamos nesse País um enorme contingente de adultos que não sabem ler e escrever.

5 Para quem não o conhece é obrigação nossa apresentá-lo: Paulo Freire, pedagogo e professor, foi um dos maiores e mais fecundos estudiosos, não só de processos de alfabetização, como os de construção de conhecimento. Natural de Pernambuco, foi uma das figuras mais importantes do século XX e de reconhecimento mundial. Recebeu o título de Doutor Honoris Causa em inúmeras Universidades espalhadas pelo mundo afora.

Para se alfabetizar, a criança precisa do adulto, do método que este escolheu e do afeto que envolve os dois seres. Sem um método consistente e um afeto largo e contagioso a alfabetização cai em terreno movediço, sem estrutura, sem parâmetros.

Se houve um aspecto em que a escola brasileira cresceu e muito nas últimas décadas, foi o da alfabetização. Observam-se pais, mães e professoras tão carinhosamente empenhadas em que as crianças se alfabetizem com ordem, ética e metodologia adequadas; preocupam-se em colocá-las logo cedinho nas Escolas de Educação Infantil; esmeram-se na escolha de livros, participando com afinco e alegria desse momento histórico importante e ímpar.

Infelizmente, o mesmo não se vê no processo de alfabetização digital.

Cabe à escola, portanto, buscar metodologia para essa alfabetização, na qual haja a imprescindível e urgente inserção de valores éticos e morais, aqueles mesmos escritos e arquivados em seus importantes Projetos Político-Pedagógicos. Além disso, é forçoso rever o momento de colocar as crianças frente ao computador, e, depois, adequar o tempo e dose de seu uso.

Necessitamos um imperioso projeto, pessoal e social, de desmistificação de tecnologias que, ombro a ombro com movimentos literários, artísticos e musicais têm estampado nessa sociedade uma marca demais preocupante e inquietante: a da ação-sem-conteúdo.

Aqui está o segredo do cofre: o indispensável desenvolvimento de uma contínua consciência-cidadã, como pano de fundo do relacionamento entre pais e filhos e o norte perpétuo a ser buscado pela família. Concomitantemente, a conduta dos professores, a escolha do material, a opção por metodologias e a inserção de tecnologias no currículo escolar devem, necessariamente, estar a serviço da construção de uma personalidade nada egocêntrica e mais, muito mais sociocêntrica.

Um enfoque de alfabetização digital tornar-se-á sólido, crítico e consistente na medida em que fortifique os educandos a resistir às pressões do modismo fútil; entusiasme-os a saber lidar com frustrações; anime-os a não se deixar levar pelo consumo idiotizante; vivifique a consciência da existência de limites e incorpore uma reflexão constante sobre ética e cooperação.

Talvez, tanto a comunidade escolar, como a familiar não tenham ainda percebido a responsabilidade que lhes cabe no tocante ao processo de alfabetização digital. Estamos, esperemos, a tempo!

Com desculpas pela cruza com que pintaremos as últimas palavras deste texto, diríamos à Machado de Assis: assentar crianças e jovens frente aos computadores sem a devida atenção aos aspectos por nós levantados, e a muitos outros, é o mesmo que colocá-los no ventre da besta.